
MODELOS PSICOLINGUÍSTICOS

Dulce Rebelo*

A evolução dos modelos

A psicolinguística, ponto de convergência da linguística e da psicologia cognitiva, é um vasto campo de pesquisa onde não raro se geram ambiguidades quanto ao seu objecto de estudo. Ocupando-se do comportamento verbal, elabora modelos interpretativos que procura legitimar pela experimentação rigorosa. E aqui surge a perplexidade. Para alguns, não se admitem que o comportamento verbal, especificamente humano, dependendo de factores diversos, internos e externos ao indivíduo, do contexto em que se manifesta, seja interpretado pela aplicação de um sistema fixo. Os que assim pensam não vêem qualquer compatibilidade entre a *teoria* (proposta de modelos) e a prática (dinâmica linguística e psicológica do utente da língua).

Certamente devido às posições tomadas, surgem ainda debates onde linguistas, marcados por certo behaviorismo levado ao extremo, e psicólogos de filosofia idealista, contrária portanto a qualquer abordagem experimental e quantitativa no estudo das funções cognitivas, opõem psicolinguística "pura" e psicolinguística "aplicada". Apesar destas divergências, que aparecem igualmente entre os que se denominam psicolinguistas, cada vez

* Ciências da Educação - F.C.G.

Modelos psicolinguísticos

vai sendo mais patente a colaboração estreita da teoria e da prática em qualquer ciência, pois só assim é possível à investigação prosseguir no esclarecimento de situações e realidades observadas.

Mas, para que servem os modelos?

O *modelo* é uma construção teórica que permite interpretar uma série de fenômenos e daí a sua importância.

Em matemática, o modelo designa um conjunto formado por signos elementares, símbolos e operações, por axiomas e regras que permitem produzir as leis do sistema. Algo idêntico ocorre em linguística. A gramática transformacional contém um certo número de símbolos (morfemas) e de signos convencionais (parênteses, chavetas, setas) que se relacionam entre si mediante regras, segundo um dos axiomas – a frase núcleo. A construção do modelo faz-se a partir de um conjunto de frases, mas deve poder aplicar-se a novos dados, a novos enunciados, para provar a sua capacidade de modelo.

Os *modelos*, em psicolinguística, pretendem explicar os processos de aprendizagem, os factores linguísticos, psicológicos e cognitivos que intervêm na aquisição da língua, na percepção, na compreensão e na produção das frases. Desenvolvendo-se ao longo do tempo, surgem em épocas determinadas, influenciados pelas correntes e tendências que vão surgindo em linguística e em psicologia, mas sem abdicarem de características próprias que contribuem para a afirmação da identidade e da autonomia desta disciplina.

A obra de Shannon, "Teoria matemática da comunicação", publicada em 1949, vai exercer forte influência nos trabalhos dos linguistas e dos psicolinguistas. Os primeiros, apropriando-se da teoria da informação, seguiram o seu caminho de pesquisa, desenvolvendo temas, propondo métodos, elaborando concepções teóricas. Desejosos de um estatuto científico, rompem com os "psicologismos", muito em voga na época (a linguagem

era apenas "expressão" do pensamento) e restringem o seu campo de actividade à descrição do funcionamento da língua. Assim, eliminam o sujeito, ou têm como referente um sujeito nominal, que se exclui facilmente a favor da análise da língua.

Os psicolinguistas, pelo contrário, interessam-se pelo sujeito, que intervém pelas suas capacidades perceptivas, intelectuais, de relação com os outros, e é produtor e manipulador da língua. O seu objectivo é estudar a interferência e a interacção do locutor, ser vivo dotado de actividade psicológica, e da língua que utiliza.

Nos anos cinquenta, quando a psicologia se liberta do mentalismo, pensa-se ser possível renovar o estudo do comportamento verbal pela aplicação quase directa da teoria da informação. Incidindo a análise nas mensagens, consideradas veículos de informação, os psicolinguistas desta 1ª geração estabelecem uma conexão entre as características do emissor e do receptor (factos psicológicos) e características da mensagem (factos linguísticos), por meio da codificação e da descodificação.

Este modelo baseia-se na linguística estrutural, que parecia dar resposta satisfatória às análises em termos de probabilidades de ocorrência das unidades e de probabilidades de transição no interior das sequências. Apoia-se ainda na teoria behaviorista da aprendizagem que considera a língua um sistema de hábitos.

Em breve o modelo de estímulo-resposta se revela insuficiente para descrever os processos de aprendizagem. Sentindo-se a necessidade de alargar o quadro conceptual da noção de elo entre o estímulo e a resposta, introduz-se a noção de mediação que compreende duas funções: A primeira consiste em evidenciar, a relação significante-significado. A segunda, explicitada por Mowrer, é a relação de *predicação*, fundamental para o estudo da linguagem. Apesar desta inovação, verifica-se que o modelo continua a ser insuficiente, não informando sobre os mecanismos psicológicos subjacentes à compreensão e produção das frases.

Modelos psicolinguísticos

Nos anos sessenta vai-se operar uma grande modificação no modo de interpretar os fenómenos, devido à influência dos trabalhos de Chomsky. O autor da gramática generativa, embora não considerando ainda a significação, reabilita o sujeito que procura conhecer através da sua actividade verbal. Todo o falante é criador da sua própria linguagem e possui uma *competência* linguística, um saber implícito da língua independente dos factores que podem intervir no acto concreto da fala, a *performance*. A gramática generativa aparece como um modelo psicológico, pois procura "simular" o sentimento linguístico de pertença da língua, por meio de um sistema formal, que compreende um número finito de símbolos, capazes porém de gerar um número infinito de frases *gramaticais*, independentes da significação. A competência actua por meio de mecanismos inconscientes, mas pode adjectivar-se sob a forma de "juízos de gramaticalidade" que apelam à intuição linguística do locutor.

Os psicolinguistas desta 2ª geração vão empenhar-se activamente em provar a validade psicológica do modelo transformacional. Com base no modelo que fornece as regras de operação de frases, e dispondo de uma gramática considerada como uma componente do acto da fala, eles tentam explicar o comportamento real do locutor nas actividades de produção, percepção, compreensão e memorização, assim como os processos de aquisição. A pesquisa torna-se hipotética-dedutiva.

Não atendendo à posição inicial de Chomsky ao insistir que a gramática generativa não tem o carácter nem a função de um modelo de percepção, ou de um modelo de produção de discurso, numerosos investigadores vão prender-se a esquemas particulares da gramática generativa, que transformam ou deformam, aplicando-os a problemas de comportamento perceptivo ou mnemónico.

Sendo o objectivo da psicolinguística a construção e a validação de um *modelo da performance*, acaba afinal por aceitar o modelo abstracto, construído pelo linguista, o modelo da competência, limitando-se à

validação deste modelo, o que não deixa de representar certo empolorecimento relativamente às perspectivas da própria psicolinguística.

Se os psicolinguistas da 2ª geração beneficiaram de uma metodologia axiomático-dedutiva importante, o seu trabalho não se pode reduzir à indicação dos limites da actualização da competência que as restrições da memória ou da percepção impõem. O que lhes compete é a construção de um autêntico modelo da performance. Para isso será necessário relevar os aspectos específicos dos mecanismos que intervêm durante a produção, a recepção ou a memorização do material verbal.

O modelo de Chomsky não se harmoniza com um modelo "activo" em que o sujeito está implicado. A sua *gramática* é por conseguinte neutra quanto aos processos psicológicos subjacentes ao comportamento do locutor. Negar qualquer realidade psicológica à *competência* de Chomsky, é situar adequadamente o modelo da gramática transformacional como modelo abstracto que responde às exigências formais de um gerador da língua.

Os resultados obtidos na experimentação efectuada com o modelo Chomskyano convida a uma reflexão mais profunda. Não ficou demonstrado que na complexidade sintáctica das frases, quer se trate de produzi-las, compreendê-las ou memorizá-las, as operações psicológicas sejam idênticas às operações linguísticas. Mas se não há isomorfismo entre a estrutura da gramática e os mecanismos psicológicos, isso não significa que haja incompatibilidade.

Verifica-se por conseguinte que a "*performance*" não é um reflexo da *competência*.

Mas novas tendências vão surgindo que demarcam a psicolinguística desta situação de dependência da linguística. As orientações recentes da investigação neste domínio, que começaram a esboçar-se nos anos setenta e constituem possivelmente a semente de uma 3ª geração de psicolinguistas,

Modelos psicolinguísticos

apontam no sentido de privilegiar as estratégias usadas pelo sujeito ao tratar a informação linguística, quer ao nível da percepção, quer ao nível da produção ou da compreensão do discurso. Isto pressupõe que, em vez de um modelo da performance, se poderá descobrir uma série de modelos ou de sub-modelos, cuja relação nos dará a globalidade dos fenómenos. Além disso, a psicolinguística, ligando-se ao estudo dos processos responsáveis pela actividade do locutor na diversidade de acções que tem de realizar, e de problemas que tem de enfrentar, situa-se no quadro da psicologia cognitiva, o que é uma fonte de enriquecimento. O comportamento verbal deixa de ser considerado de forma isolada para se reintegrar nos processos cognitivos mais gerais, o que permite retirar o pleno sentido dos diferentes níveis que a observação distingue. Neste aspecto, a psicolinguística restabelece a ligação com a reflexão biológica, o que é importante, pois afasta a hipótese de um organismo vazio em que assentou a psicologia positivista. No entanto, todas estas conexões têm de ser devidamente ponderadas para evitar exageros teóricos que não podem ser comprovados.

O que verdadeiramente importa é caracterizar o estado inicial do indivíduo, isto é, as suas potencialidades disponíveis à partida, e observar como se desenvolve a linguagem que, como capacidade biológica compreende elementos comuns a outras capacidades psicológicas, sem as quais todo o modelo de aquisição é distorcido. Assim, existirão maiores possibilidades de averiguar e descrever o processo pelo o qual o meio converte o estado inicial em estado final - o falar uma língua correctamente e que será demasiado simples descrever como pura aprendizagem.

O modelo "modular"

Na perspectiva que acabamos de traçar se situa uma linha de investigação que se debruça particularmente sobre as aquisições básicas, como a leitura e a escrita. Na procura da explicitação de certos fenómenos, e na tentativa de resolver problemas se criam *modelos*, que são mais uma

afirmação de como a teoria e a prática se inter-relacionam constantemente. Quero referir-me a um modelo apresentado por Renzo Titone, que trabalha há 20 anos em psicolinguística e que se aplica particularmente à aquisição da leitura.

O modelo psicolinguístico "modular", como é designado, tem finalidades didácticas e baseia-se no conceito de unidade de aprendizagem em que mestre e aluno cooperam activamente.

Um *matema*, na terminologia de Titone (1973-1975) consiste num ciclo mínimo de aprendizagem, num processo de aquisição claramente definido quer objectivamente (argumento ou capacidade delimitada com precisão no quadro de um programa de estudo ou de um sistema de actividades), quer subjectivamente (aptidões individuais do aluno, ritmos, interesses, exigências). Neste sentido, um *matema* não pode reduzir-se a períodos temporais concretos (a sala de aula), nem a uma única forma de operações (apresentação e exercício de tipo exclusivamente verbal), pois implica variedade de processos nos quais, ainda que prevalecendo a modalidade cognitiva, estão incluídas todas as funções do organismo físico-psíquico.

A modificação real, que mostra que se efectuou a aprendizagem, implica uma reestruturação interior, isto é, que se produziu uma aquisição de tipo assimilativo de conhecimentos, atitudes e habilidades no contexto de uma interacção (indivíduo/cultura), finalizada pelo desenvolvimento da personalidade.

Segundo o autor, o modelo didáctico deriva do *modelo matético* que, inspirando-se no conceito cibernético de Miller, Galanter e Pribram, compreende uma série de sequências de planos operativos ou fases, *micromatemas*, que se podem definir da seguinte forma:

1. Incoacção do processo a nível cognitivo (compreensão do objecto ou da actividade a nível global).

Modelos psicolinguísticos

2. Estabilização ou fixação das estruturas adquiridas mediante reforço.
3. Recuperação cognitiva que completa o processo de aquisição.

Analisando a leitura, como problema e processo, segundo duas perspectivas, Titone evidencia de um lado as estruturas linguísticas, psicológicas e psicopedagógicas do acto de ler; a outro lado os aspectos problemáticos da aprendizagem da "competência léxica", o problema da leitura precoce (monolingué e bilingue), os diferentes problemas postos pela alexia e dislexia, entre outros.

O modelo "modular", que preconiza no ensino da leitura, tem como objectivo (aliás já comprovado em numerosas experiências, na Itália, mas também na Jugoslávia e no Canadá) ultrapassar as dificuldades de aprendizagem. Para isso propõe converter em directrizes executivas um conceito integral do proceso de aprendizagem (numa visão psicológica múltipla e eclética), e que implica no plano didáctico a realização de três etapas fundamentais, precedidas de uma fase de tipo dinamogénico (motivação articulada com uma série de factores).

As fases são as seguintes:

1. Fase Global

- 1.1. Experiência espontânea da criança.
- 1.2. Representação verbal-oral da experiência
- 1.3. Percepção da representação verbal traduzida ou codificada em forma gráfica.

Esta 1ª fase é activa → fónica → visível

2. Fase Analítica

- 2.1. Percepção da frase e pronúncia oral.
- 2.2. Percepção e oralização da(s) palavra(s)
- 2.3. Percepção e oralização das sílabas.

2.4. Percepção e oralização dos grafemas.

Esta 2ª fase é global → estrutural → fónica

3. Fase Sintética

A habilidade de descodificação transfere-se das unidades linguísticas apreendidas para unidades linguística novas, reconhecidas, mais facilmente, oralizadas e entendidas no seu valor lexical, morfosintático e semântico-pragmático.

A formação de matrizes complexas (isto é: catalizadores e selectores de informação léxica), constituídas por fomas visivo-verbais, por "input" e "output" acústicos, pelo significado de cada palavra e pelas suas conotações, pessoais e socio-culturais, representará a síntese final de tipo operativo do processo do léxico. "É esse tipo de matrizes, conclui Titone, que permitirá essa resposta verbal, motora e semântica em que consiste a *leitura*".

O modelo "modular", esquematicamente delineado, é representativo da necessidade de introduzir no ensino uma estratégia que se articule com as estratégias seguidas pelo indivíduo na apropriação dos saberes, que só serão devidamente integrados quando o sujeito os dominar conscientemente.

BIBLIOGRAFIA

CIPOLLA, F.; MOSCA, G.; TITONE, R., L'apprendimento della lettura e della scrittura: un ipotesi di intervento sui bambini hadicappati, *Quaderni Oasi*, IV, 1979, pp. 103-149.

MEHLER, J.; BEVER, T., The study of competence in cognitive psychology, *International Journal of Psychology*, 3, 1968, pp. 273-280.

Modelos psicolinguísticos

MEHLER, J.; NOIZER, G., *Textes pour une psycholinguistique*, Paris, Mouton, 1974.

MILLER, G. A.; GALANTER, G. E.; PRIBRAM, K., *Plans and structure of behavior*, New York, Holt, 1960.

MOWRER, O., *Learning Theory and the Symbolic Processes*, New York, Wiley, 1960.

OSGOOD, D.; SEBEOK, T., *Psycholinguistics, a survey of Theory and Research Problems*, Baltimore, Waverly Press, 1954.

TTTONE, R., A psycholinguistic definition of the Glossodynamic Model of language behavior and language learning, *Rassegna italiana di Linguistica Applicata*, V, 1973, 3, pp. 1-21.

TTTONE, R., *Educare al linguaggio mediante la lingua*, Roma, Armando, 1985.